



## BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- CAMPOS, Maria Malta. *Pesquisa Participante: Possibilidades para o estudo da escola*. Cadernos de pesquisa. São Paulo, 1994.
- CARVALHO, M. Jurema Venceslau de. *As condições de Ensino e a Associação de Categoria Profissional do Professor Paulista*. Dissertação de Mestrado, PUC / São Paulo, 1991.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Ideologia e Educação. Educação e sociedade*. São Paulo, 1990.
- COELHO, Ildeu Moreira. *A Questão Política do Trabalho Pedagógico*. Rio de Janeiro, Graal, 1992.
- CUNHA, Maria Isabel da. *Reflexão sobre a Educação de Professores como a Prática da Supervisão Pedagógica*. Trabalho apresentado no Seminário Internacional de Ensino da UFRGS. Porto Alegre, 1995.
- ESTRELA, Maria Teresa & ESTRELA, Albano. *Sobre as perspectivas Atuais sobre a formação de professores*. Lisboa, Estampa, 1997.
- FERNANDES, Florestan. *A formação política e o trabalho do professor*. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo. Martins Fontes, 1995.
- FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta. *O papel do professor e sua construção do cotidiano escolar*. Rio de Janeiro, Universidade Sta. Úrsula, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Essa escola chamada vida*. São Paulo, Ática, 1996.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Equívocos teóricos na prática educacional*. Série estudos e pesquisas da Associação Nacional de Tecnologia Educacional (ABT) N° 27, 1994.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1996.
- PASQUALI, Luiz. *Questionário de avaliação de docência: Educação e Sociedade*. São Paulo, 1994.

## CONCLUSÃO

O estudo que desenvolvi conseguiu dar-me algumas respostas sobre o que acontece com o BOM PROFESSOR. A contribuição que o desenrolar desta pesquisa me proporcionou sugere que é fundamental que seja desvendado o contexto onde o professor vive.

As conclusões a que cheguei não se conflitam com as propostas e reflexões que se tem feito ultimamente sobre o professor. Elas se somam e desvendam, através da investigação da realidade, maiores dados sobre o que está acontecendo na prática escolar.

A constatação de que a educação de professores tem sido mais efetiva pelas influências da prática cotidiana pode influir no repensar dos cursos de formação de professores. Os esforços dos cursos de Licenciaturas e de Pedagogia tem sido maiores sobre a formação do futuro professor, tendo uma conotação mais teórica do que prática. A história e as práticas educacionais do aluno, assim como o seu exercício educacional futuro, tem sido pouco priorizadas nas ações universitárias e nas demais instituições que se envolvem com a educação de professores. Esta pesquisa, assim como outros estudos a respeito, constituem-se num alerta para o repensar a prática que vem sendo realizada. Tudo indica que não bastam esforços na formação prévia do professor. É preciso estender ações e influências sobre o professor em exercício, favorecendo situações de análise e reflexão sobre a sua própria condição e experiência,

Os desafios são muitos. Creio ser necessário um esforço coletivo no reconhecer e refletir sobre as contradições da sociedade em que vivemos, e nela, muito especialmente, as questões relacionadas com a nossa área de atuação. Só assim poderemos fazer avançar a educação brasileira.

entre manutenção e transformação das relações escolares é ainda presente e provavelmente o seja ainda por muito tempo.

A prática dos professores em sala de aula é coerente com o modo de produção que acontece hoje em nossa sociedade, isto é, a divisão do trabalho e do conhecimento. A análise desta realidade constitui-se em mais um esforço no sentido de auxiliar os professores e alunos a um exercício reflexivo. E só a reflexão pode nos dar a consciência necessária para a mudança.

social, isto é, como construído por um grupo social, com necessidades e anseios historicamente situados.

O mesmo interesse percebi quando o professor estabelece relações ao conteúdo em pauta com outras áreas do saber. O conhecimento passa a ser entendido como um todo e não como algo compartimentado.

Apresentar ou escrever o roteiro da aula também foi um desempenho docente diversas vezes usado. Os professores acreditam que tal procedimento auxilia a compreensão lógica do conteúdo.

Outro grupo de comportamentos foi reunido por mim como evidência de habilidades de incentivo à participação do aluno. Entre estas surge principalmente a capacidade dos BONS PROFESSORES de formularem perguntas. É neste momento que percebi neles o esforço em estabelecer uma forma de diálogo.

O fato de o professor usar a indagação como forma de conduzir a aula, coloca os alunos mais à vontade para também perguntarem.

Completando o quadro de habilidades que o professor evidencia como forma de incentivar o aluno a participar da aula, percebi, com frequência, o uso de palavras de reforço positivo frente às respostas dos alunos. Quando elas acontecem, o professor diz:

“...bonito... certíssimo... vejam como vocês sabem...”

Ou, então, quando a resposta correta não vem, o professor diz:

“...não faz mal que vocês não estejam lembrados hoje; sei que na próxima vez vocês saberão...”

Percebi, ainda, outras habilidades do professor que estimulam os alunos na sala de aula. Verifiquei que a movimentação que o professor faz no espaço de ensino torna mais constante a participação dos alunos e dá ao professor condições de verificar o nível de atenção de seus interlocutores.

Por fim, o último grupo de habilidades que tentei reunir foram aquelas relacionadas como o uso de linguagem pelo professor.

Observei que a utilização de uma certa dose de senso de humor no trato com os alunos é necessária no sentido manter uma relação mais próxima dos alunos, aliviando o clima da sala de aula com frases humorísticas.

O ver as aulas dos BONS PROFESSORES de hoje me levou a perceber que estamos vivendo um momento de transição, uma relação dialética entre os comportamentos enraizados em nós e o desejo de encontrar formas alternativas de democratização do saber. A dualidade

É importante dizer que os alunos não apontam como melhores professores os chamados “bonzinhos”. Ao contrário, o aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra participação e tarefas.

Entretanto, vale também chamar a atenção para um aspecto muito significativo: quando os alunos hoje apontam o BOM PROFESSOR, só em situações raras referem-se ao seu posicionamento político. Isto significa dizer que esta não é uma dimensão apreendida por eles e que não faz parte fundamental da sua percepção de BOM PROFESSOR. É claro, para nós, que o comportamento do professor manifesta uma postura política. Mas, ao que parece, este não é um dado consciente para os alunos e talvez sequer seja para o professor. O aluno, quando escolhe o BOM PROFESSOR, não faz menção à capacidade crítica de análise da sociedade que professor possa ter.

Par os nossos alunos atuais, o BOM PROFESSOR é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo.

Um último aspecto a considerar na fala dos respondentes é o valor que eles dão ao prazer de aprender, algo que se poderia traduzir como um clima positivo na sala de aula. O “senso de humor do professor”, o “gosto de ensinar”, “o tornar a aula, agradável, interessante” são aspectos que eles apontam como fundamentais.

Dos muitos professores entrevistados, três foram citados constantemente pelo grupo de alunos, sendo estes os BONS PROFESSORES. Todos eles do sexo feminino. Sendo que todos atuam em sua área de formação. O tempo de serviço no magistério é variado.

## AS HABILIDADES

Vale a pena constatar as habilidades de ensino que os nossos BONS PROFESSORES apresentaram.

Os BONS PROFESSORES explicitam para os alunos o objetivo do estudo que vão realizar. Partem do pressuposto de que é preciso que os alunos estejam conscientes do objeto de sua própria aprendizagem e que estarão mais motivados se compreenderem porque o fazem. Em muitas ocasiões essa justificativa ligou-se ao futuro profissional dos alunos e ao desempenho que terão de ter no vestibular.

Outra evidência relacionada com a referida habilidade é a que localiza historicamente o conteúdo. Observei que os alunos ficam muito interessados quando os professores realizam esta localização histórica de modo a valorizar o conhecimento científico como produção

mais amplo de professores. As justificativas dadas pelos alunos para a escolha do BOM PROFESSOR estão bastante dirigidas para as questões atinentes à relação professor-aluno. Ao tentar interpretar seus depoimentos confirmei que é difícil fracionar a imagem do BOM PROFESSOR. Na percepção dos alunos os aspectos se entrelaçam e certamente se inter-relacionam. Com isso quero dizer que dificilmente um aluno apontaria um professor como BOM ou MELHOR, sem que este tenha condições básicas de conhecimento de sua própria matéria de ensino ou habilidades para organizar suas aulas, além de manter relações positivas. Contudo, quando os alunos verbalizaram o porquê da escolha do professor, enfatizam os aspectos afetivos.

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “compreensivo”, “trata-nos com respeito e educação”, “se preocupa conosco”, “é disponível mesmo fora da sala de aula”, “coloca-se na posição do aluno”, “é honesto nas observações”, etc. Essas expressões evidenciam que a idéia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo.

Continuando e aprofundando a análise dos depoimentos, consegui perceber que as atitudes e valores dos professores que estabelecem relações afetivas com os alunos, repetem-se e intrinsecam-se na forma como eles tratam o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolvem.

Valho-me das palavras dos alunos para exemplificar:

— “Escolho esta professora como a melhor pela forma com que nos faz pensar, colocando o conteúdo teórico não como verdade acabada, mas questionando-o...” (Geografia).

— “O que me agrada na professora Wélida é que ela está sempre pronta a responder as nossas dúvidas; ela até estimula a gente a ter dúvidas...” (Matemática)

— “A professora Betinha é a melhor porque ela transmite para a gente o gosto que ela tem pela Língua Portuguesa. Ela nos mostra o prazer de aprender...” (Língua Portuguesa).

Para mim está claro nesses depoimentos que a relação professor-aluno passa pelo trato do conteúdo de ensino. A forma como o professor se relaciona com a sua própria área de conhecimento é fundamental.

A título de exemplo, gostaria de referir que entre as características dos melhores professores estão: “torna as aulas atraentes”, “estimula a participação do aluno”, “induz à crítica, à curiosidade e à pesquisa”, procura formas inovadoras de desenvolver a aula”, “faz o aluno participar do ensino”, etc.

características relevantes da realidade, em comparação com um padrão ideal, tendo em vista a realização de uma ação”.

As instituições de ensino de qualquer um dos níveis de ensino não tem projeto próprio, explícito, que delineie “o padrão ideal”. Assim, quando se fala de BOM PROFESSOR, as características e/ou atributos que compõem a idéia de “bom” são frutos do julgamento individual do avaliador. O aluno faz a sua construção própria de bom professor mas, sem dúvida, esta construção está localizada num contexto histórico-social. Nela, mesmo de forma difusa ou pouco consciente, estão retratados os papéis que a sociedade projeta para o BOM PROFESSOR. Por isto ele não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades dos seres humanos situados no tempo e no espaço.

Não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos. A escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se espera. Por outro lado, como instituição social, ela é determinada pelo conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela. Isso é que reproduz a ideologia dominante.

Para Marilena Chauí (1990, p. 92) “... a ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade”. No entanto, continua a autora, “...as idéias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as idéias existentes na sociedade, mas são apenas as idéias da classe dominante dessa sociedade numa época, ou seja, a maneira como ela representa para si mesma sua relação com a natureza, com os demais homens, com a sobrenatureza (deuses), com o Estado, etc”.

A escolha que o aluno faz do BOM PROFESSOR é permeada por sua prática social, isto é, o resultado da apropriação que ele faz da prática e dos saberes históricos-sociais. A apropriação é uma ação recíproca entre os sujeitos e os diversos âmbitos ou integrações sociais. Só que elas são diferentes nos sujeitos, ou seja, eles fazem apropriações diferentes em funções de seus interesses, valores, crenças, experiências, etc. Isto é demonstrado pela diferenciação existente entre o comportamento dos alunos quando propõem o BOM PROFESSOR.

## CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

Os alunos que responderam ao questionamento eram alunos concluintes do ensino médio. Foram eles os escolhidos pela probabilidade de terem tido contato com um número

Além das entrevistas usei a observação como técnica de coleta de dados. No caso, a sala de aula se apresentou como sendo o ambiente propício e natural para colher dados relevantes.

Pareceu importante saber como o professor manifesta suas idéias e valores na prática pedagógica e que tipo de prática é esta que satisfaz os alunos. De acordo com Lüdke & André “...a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. A experiência direta é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (p. 26).

Para a montagem do roteiro de informações foram organizadas questões que identificaram dados relevantes à vida funcional progressiva do professor, sua formação e sua prática profissional e social.

Para a entrevista, algumas categorias foram privilegiadas, tais como:

- informações sobre como o professor vê a sua própria formação em termos quantitativos e qualitativos;
- informações sobre a prática social (atuação em movimentos classistas, sindicatos, partidos políticos, movimentos religiosos, órgãos colegiados, etc) e sobre o tipo de influência que essa prática exerce na tarefa docente;
- representação sobre as idéias pedagógicas que norteiam o seu trabalho – concepções de educação, de aluno, de ensino e de aprendizagem;
- representação sobre a prática da sala de aula – como planeja forma e conteúdo e como vê a execução deste plano;
- identificação de problemas encontrados para o desenvolvimento de sua prática pedagógica.

## O BOM PROFESSOR PARA O ALUNO DE HOJE

Ao decidir trabalhar com alunos para construir a amostra de BONS PROFESSORES objeto desta pesquisa, já tomei a posição de fazer um corte na realidade para analisar o cotidiano, isto é, aquilo que está ocorrendo hoje no Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral.

É sabido que nós não temos muita tradição em processo de avaliação de professores. Como seres humanos somos, porém, valorativos. É inevitável que façamos uma avaliação das nossas instituições de ensino mesmo com critérios advindos do senso comum. A propósito, convém lembrar Luckesi (1994, p. 9) para quem “...a avaliação é um julgamento de valor sobre

investigação foi realizada no Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral na cidade de Rubiataba –GO, onde resido e atuo profissionalmente.

Para chegar aos BONS PROFESSORES uma série de procedimentos foram desenvolvidos. Houve um contato inicial com a unidade de ensino através de seu diretor e coordenador. Esse contato foi de importância fundamental para a observação de reações e estabelecimento de um clima de confiança e cooperação.

Feito um cronograma comecei a entrevistar alunos concluintes do ensino médio, partindo do pressuposto de que seriam eles os mais adequados a participarem da pesquisa, tendo em vista que já haviam convivido com a maioria dos professores do curso.

Para eles explicava minhas intenções. Os alunos pareciam surpresos, demonstrando que não estavam habituados a participar de pesquisas, e muito menos, a fazer juízos sobre os professores. Não houve reação negativa. Todos executaram a tarefa respondendo às questões que foram repassadas através de folhas xerocopiadas. Em algumas turmas houve, inclusive, manifestações de interesse com o resultado da pesquisa, tendo os alunos solicitado explicações do processo e pedindo que a eles fossem comunicadas as conclusões da investigação. As perguntas a eles feitas foram as seguintes:

\_ "Qual o melhor professor que você teve durante o ensino médio?"

\_ "Por que razão escolhe este professor?"

Cada aluno deveria indicar apenas um nome.

De acordo com o previsto, a consulta foi feita em sete turmas, sendo três no turno matutino, uma no vespertino e três no turno noturno.

O estudo dos professores que relatei a seguir teve, então, um caráter de construção de um conhecimento localizado no contexto social. A história e valores dos professores é que permitiram a análise de seu desempenho de forma contextualizada. É necessário que esta compreensão aconteça desde o processo de escolha dos alunos que, por sua vez, também são sujeitos de uma história que se dá num tempo e num lugar.

Para realizar a pesquisa, fundamentada na bibliografia a respeito e na própria natureza qualitativa de investigação, utilizei a entrevista e a observação. Penso que estas duas formas juntas forneceram dados significativos para o alcance do meu objetivo.

Para a realização da pesquisa organizei roteiro de tópicos e questões relativas ao tema para servir, ao mesmo tempo, de estímulo e de encaminhamento ao discurso do professor, respeitando o ritmo e o espaço que ele imprimia.

## ORIGENS DO ESTUDO

Já há alguns anos minhas atividades estão voltadas à regência de sala. Minha preocupação com a prática pedagógica do professor emerge de uma situação natural de trabalho e de vida. Ao longo do meu curso técnico em magistério e durante toda a graduação em História, procurei subsídios que pudessem ajudar-me a delinear um estudo que esclarecesse alguns pontos significativos no processo de atuação do professor.

Ao procurar evoluir na minha própria prática pedagógica, percebi que muitos aspectos da prática do professor precisam ser aprofundadas e definidos para que possam sofrer uma intervenção.

Quando falamos na prática pedagógica do professor, parece-me que devemos partir da indagação sobre o que determina o desempenho do professor na prática de sala de aula. A sala de aula é o lugar privilegiado onde se realiza o ato pedagógico escolar. Estudar o que acontece e, especialmente porque acontece na sala de aula, é tarefa primeira daqueles que se encontram envolvidos e comprometidos com uma prática pedagógica competente.

Pensei assim contribuir para a tarefa daqueles que como eu, se preocupam com a prática pedagógica do bom professor. O que me impulsionou a esse tipo de trabalho foi o desejo de questionar as certezas pedagógicas e todas as demais instâncias que envolvem a prática pedagógica do professor. Quis analisar o que acontece na prática pedagógica e porque acontece. Quis saber como o professor constrói a imagem que tem de si mesmo e no que o seu modo de ser interfere na sua prática pedagógica.

A minha experiência com alunos exercitando a discussão sobre o bom professor indicou que há algumas questões que merecem ser exploradas.

O que é um bom professor? O que contribui para sua competência? A formação pedagógica é imprescindível? Que tipo de formação pedagógica? Que importância tem a influência que recebeu de seus próprios professores? Como o professor concretiza suas idéias na sala de aula? Como os alunos percebem a prática pedagógica deste professor?

A partir daí decidi trabalhar com alunos formandos no ensino médio. Para fins de delimitação do universo a ser pesquisado optei por efetuar um levantamento juntos aos alunos do 3º ano. Esta decisão me permitiu, além de estudar os BONS PROFESSORES, discutir a própria idéia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos.

Dada a natureza do estudo levei em conta a importância de estar e ser mais próximo possível dos professores estudados. Escolhi, por isso, a instituição em que trabalho. A

Uma nova etapa da minha vida se iniciava. Agora com um diferencial. Tinha em mente a responsabilidade de iniciar e concluir um curso superior. Até mesmo porque já estava cansado de ouvir brincadeiras sarcásticas do tipo “agora vai mesmo, Marcos?” , “Desse você não vai desistir, não é mesmo?”. Era questão de honra para mim. Eu era o único professor efetivo da escola sem o curso superior.

Há muitas maneiras de se estudar a prática docente quando se pretende contribuir para a melhoria do quadro atual vigente na Educação. Foi durante as aulas práticas do curso técnico em magistério e principalmente da parte teórica do curso de História que veio o encaminhamento deste artigo. A minha preocupação com a prática pedagógica do professor determinou o meu estudo porque, de fato, ocupa minha vida.

Este é o resultado que ora apresento. Com toda a simplicidade, penso que ele pode contribuir para com todos aqueles que compartilham de meus anseios e preocupações, pois poderá servir de estímulo a novos estudos e pesquisas.

professores era extremamente difícil. Vi que alia havia dois mundos: Aqueles que participavam efetivamente do processo pedagógico e os que assistiam este processo passar. Trabalhar com os primeiros eu sabia. Mas, com os outros...

Percebi que parte dos professores ratificavam a marginalidade, se condoíam com a pobreza, mas queriam-na distante. Logo percebi que não conseguiria mudar a situação como coordenador de turno e decidi que não continuaria naquela função. Motivado pelo início de carreira, queria tudo certinho. Percebi mais tarde que na educação as coisas boas não acontecem da noite para o dia. É preciso primeiramente, erradicar a cultura do “sempre foi assim”, “é melhor deixar como está”.

Resolvi que deveria voltar ao curso de Filosofia, pois necessitava de um curso de Licenciatura, uma vez que nova LDB 9394/96 exigia do profissional da educação a formação até o ano de 2006. Sem muita expectativa, retornei ao curso. Talvez pela idade ou até mesmo pela imaturidade não conseguia ver ainda a riqueza que seria o curso de Filosofia. Tanto é que, motivado por uma oferta de curso parcelado (encontros somente aos finais de semana) gratuito de licenciatura em matemática numa cidade próxima, tranquei a matrícula do curso de Filosofia e dediquei meus esforços nessa nova etapa. Nos primeiros meses percebi que não era aquele curso que queria me formar para ministrar aulas, por dois motivos: primeiro, os professores tratavam os alunos como se fossem verdadeiros experts em matemática confiando-lhes uma carga enorme de trabalhos extra-classe; segundo, o deslocamento até Rialma, os custos com alimentação e a jornada estressante de oito horas diárias em sala de aula.

Minha jornada em busca de um curso superior não termina por aí. No ano seguinte, já descontente com a área educacional, ingressei no curso de Direito da FACER. Na época, consegui a transferência de um benefício de 50% da bolsa universitária da OVG, que já possuía no curso de Filosofia. Na época eu era o único aluno do curso de direito beneficiado com essa bolsa. Ainda sem saber o que queria da vida, não levei muito a sério o curso e acabei ficando devendo uma disciplina. Como um dos requisitos para manutenção da bolsa era ser aprovado em 100% das disciplinas por semestre, perdi o benefício, não podendo continuar por não poder bancar o curso. Já acostumado com derrotas, levantei a cabeça e disse para mim mesmo que aquele ainda não era o momento.

No ano de 2005, uma nova oportunidade de ingressar no curso superior aparece. A Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, abre inscrições para o processo seletivo para o curso de Licenciatura em História. Muito entusiasmado, embora não podendo escolher o curso que sempre sonhei – Letras ou Psicologia, fui aprovado no vestibular.

(professora de estágio supervisionado), Helena de Fátima Araújo (professora de Filosofia e didática) e Neiva Soares (Psicologia Educacional). Para estes as aulas representavam mais que um simples repasse de informações. *Despertavam em nós, o senso crítico.*

Com muita dificuldade, por ter que dividir meu tempo entre a excessiva carga de trabalho e estágios com minha família, quase desisti. Mas o apoio dos colegas e dos professores foram determinantes para que eu concluísse o curso no ano de 1997. Imaginava que logo que concluísse o curso de magistério as portas do mercado de trabalho estariam abertas para mim. Triste desilusão. Tive que esperar mais um ano para participar de um concurso público. Em 1998 fui aprovado no último concurso da rede estadual de educação a nível médio. Daí para cá somente foram contratados candidatos com licenciatura. No mesmo ano, fui aprovado em terceiro lugar no vestibular da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba para o curso de Filosofia. A escolha do curso foi simplesmente por falta de opção. No entanto, considero o melhor curso que já tive oportunidade de freqüentar. A ansiedade por tomar posse no Estado, a frustração por ter que deixar o curso de Filosofia por não ter como pagá-lo e ainda, por apresentar distúrbios patológico, entrei num quadro depressivo que se alastrou por quase dois anos. Foi o período de maiores dificuldades que já enfrentei. Mesmo doente, era pressionado por membros da subsecretaria para que assumisse logo a função sob pena de ser exonerado por abandono de cargo sem mesmo tê-lo assumido. Minha cabeça estava transtornada. Mandavam-me para uma escola, depois para outra e assim fiquei peregrinando por quase todas as escolas da cidade. Como todo paciente que apresenta um quadro depressivo, vivia de hospital em hospital na tentativa de que fosse diagnosticado aquilo que eu sentia. Eu precisa ouvir dos médicos que eu portador de alguma doença. Minha família, leiga no assunto, gastou muito dinheiro com exames que não demonstravam nada. Aliás, não havia “nada” comigo. O que eu sentia era apenas de ordem psicológica. Durante esse período, duas pessoas foram de extrema importância para que eu continuasse acreditando na vida e que eu poderia sair daquele quadro, pois eu mesmo já não acreditava em nada. São elas: Pe Kinkas (professor da Facer) e Zélia Bento (Subsecretária Regional de Ensino). Ele por ser um enviado de Deus para que eu pudesse suportar tudo aquilo; Ela como gestora da educação regional fez o impossível para que eu não perdesse o direito de tomar posse como professor.

Quando já curado totalmente, comeci a trabalhar no Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral, escola onde concluí o curso de Magistério. Iniciei como professor de Língua Portuguesa na segunda fase do ensino fundamental, disciplina pela qual fui habilitado a lecionar por ocasião do concurso público. Ao ser convidado pelo diretor para atuar como coordenador de turno começaram os meus desencontros. Lidar com alunos era fácil, mas com

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta apresentação é desvendar algumas informações sobre minha caminhada pessoal e profissional, com o intuito de localizar as origens do estudo sobre a prática do professor.

Comecei a trabalhar como professor primário muito jovem. Ao concluir o Ensino Fundamental em 1990 fui convidado pela diretora da mesma escola em que concluí o ensino fundamental para atuar como professor regente em uma turma de 3ª série primária. Era uma escola da rede estadual de ensino do estado do Tocantins. Experiência, obviamente não possuía. Mas com muito entusiasmo e força de vontade, sem falar no apoio de antigos professores que ora se tornavam colegas, aceitei o desafio. Desempenhava minha função no período vespertino. Expectativa de continuar estudando, não havia. O único curso a nível de magistério que havia na época era na cidade mais próxima, cerca de quarenta quilômetros de distância e ainda, o curso não era oferecido gratuitamente. Iniciei-o com muita dificuldade financeira e também de locomoção. Meses depois tive de abandoná-lo devido a uma série de fatores. No mesmo ano recebi um convite por parte da secretaria municipal de educação de Arapoema-To, cidade próxima onde morava, para atuar em uma escola de ensino primário na zona rural. Sem pensar duas vezes aceitei o convite. O tipo de ensino oferecido aos alunos era seriado, ou seja, numa mesma classe havia alunos da primeira à quarta série. No início, comecei a entrar em pânico. Ficava imaginando como seria possível ministrar aulas para alunos com grau de desenvolvimento cognitivo diferenciados. Com muita dedicação e paciência fui logo me adaptando àquela nova situação. Segui naquela jornada dupla durante um ano. No entanto, algo me faltava. Já que tinha vocação para o magistério, teria que procurar uma formação específica. Em meados do ano de 1991, meus pais pediram para que eu retornasse à minha cidade natal -- Rubiataba.

Já em Rubiataba, iniciei dois cursos a nível médio: Técnico em Magistério no turno matutino e Contabilidade no turno noturno. Devido ao grande tempo que esses cursos requeria de mim, resolvi optar pelo Magistério, abandonando o curso de contabilidade. Não sei se era característica da faixa etária em que me encontrava, mas vivia eu, na época, uma fase de grande entusiasmo com os estudos. Acreditava firmemente que a escola era a solução para todos os problemas sociais e que a educação constituía-se na mola transformadora dos homens. Alguns professores, por seu entusiasmo contagiante e usando das suas aulas como instrumento de transformação social, merecem destaque especial. Aqui cito: Marlene Coimbra

## RESUMO

Esse artigo é fruto de um estudo realizado junto aos alunos e professores do ensino médio do Colégio Estadual Raimundo Santana Amaral em Rubiataba Goiás. Objetiva definir, através de um minucioso trabalho de entrevista e observação, o conceito de “bom professor”, bem como suas origens e métodos.

## SUMÁRIO

Introdução.....	07
Origens do estudo.....	11
O bom professor para o aluno de hoje.....	13
Características principais.....	14
As habilidades.....	16
Conclusão.....	19
Bibliografia.....	20

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos funcionários da FACER e membros do CESUR, em especial à professora orientadora Helena de Fátima Araújo e o diretor da FACER Pe. Joaquim José Neto pela forma amigável e afetuosa com que desempenha suas funções.

A todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a construção deste trabalho.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Keyla, aos meus filhos Tatiane, Carlos, Kelly, Marcos Filho e Luiz Eduardo. Eles foram imprescindíveis para a conclusão deste curso. Nos momentos tristes e alegres, sempre estavam ao meu lado dando-me apoio incondicional. Aos colegas de sala que foram pessoas importantíssimas para aquisição e compartilhamento do conhecimento.

MARCOS RIBEIRO DE MELO



## A prática pedagógica do bom professor

Trabalho apresentado ao Curso de História da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof. Esp. Helena de Fátima Araújo

36040

Tombo nº	15006
Classif.:	
Ex:	01
Origem:	d
Data:	06/08/2009

Rubiataba, 2009

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
CURSO DE HISTÓRIA



**A prática pedagógica do bom professor**

Marcos Ribeiro de Melo  
Orientadora: Prof. Esp. Helena de Fátima Araújo

Rubiataba, 2009